

VACINAÇÃO DA RUBÉOLA, COM ÊNFASE NA SÍNDROME DA RUBÉOLA CONGÊNITA.

Autores: LUCIANE GONÇALVES PEREIRA, RAYANE RUAS OLIVEIRA, MARIANA MIRANDA DE CARVALHO, ANA CLÁUDIA FREITAS SANTOS, MATHEUS OLIVEIRA NOBRE DE ANDRADE

Introdução

A Rubéola é uma doença de etiologia viral, que, geralmente, não traz consequências de caráter maligno, sendo caracterizada por sintomas não específicos ou mesmo, na maioria dos casos, assintomática. No entanto, o alto risco se faz quando gestantes não imunizadas são infectadas, podendo gerar a Síndrome da Rubéola Congênita (SRC). (COSTA *et al.*, 2013).

É classificada, ainda, como uma doença infectocontagiosa, pois sua disseminação ocorre por meio de secreções contaminadas por vírus (FIOCRUZ, 2014). Ainda de acordo com Fiocruz (2014) a incidência da transmissão da Rubéola por meio de utensílios contaminados é muito baixa. Outra forma de transmissão do vírus da Rubéola é a transmissão vertical em que o patógeno é capaz de atravessar a placenta causando efeitos teratogênicos ao feto.

Conforme descrito por Bahia (2008) o período de incubação desse parasita intracelular varia entre 14 e 21 dias, apresentando uma duração média de 17 dias. Uma pessoa contaminada pelo vírus pode transmiti-lo em torno de cinco a sete dias antes do aparecimento do exantema (erupções cutâneas), e de cinco a sete dias após o seu desaparecimento.

Em Dias e Mitre (2008) é discutido a possibilidade de a vacinação da gestante afetar o feto, isso porque uma das características do vírus da Rubéola é impedir o crescimento e a maturação celular. No feto todos os órgãos são infectados, porém, os danos variam dependendo de quando aconteceu a contaminação e do tempo de gestação, sendo aquelas mais recentes as mais suscetíveis a manifestações graves.

Segundo Ministério da Saúde (2015), graças à vigilância e controle da doença ocorrido em 1999 e sua intensificação de controle em 2008 com a Campanha de Vacinação, foi alcançada uma cobertura de 95% da população brasileira, fazendo com que de 2010 a 2015 não fosse notificado nenhum caso de SRC. A preocupação e ações do governo diante da SRC se fazem pertinentes, pois, as suas consequências para o feto ou recém-nascido são graves. De acordo com Brasil (2009), a infecção da gestante pelo vírus pode gerar anomalias congênicas como retinopatias, cardiopatias e deficiências auditivas.

Segundo Brasil (2009) a infecção pelo vírus da rubéola durante a gestação, principalmente no primeiro trimestre, pode comprometer o desenvolvimento do feto e causar aborto e anomalias congênicas, que caracterizam a SRC. As manifestações clínicas da SRC podem ser transitórias (púrpura, trombocitopenia, hepatoesplenomegalia, icterícia, meningoencefalite, osteopatia radioluscente), permanentes (deficiência auditiva, malformações cardíacas, catarata, glaucoma, retinopatia pigmentar), ou tardias (retardo do desenvolvimento, diabetes mellitus).

Mesmo que no Brasil, tenham sido implementadas muitas campanhas de vacinação voltadas para mulheres em idade reprodutiva, segundo Minussi *et al.* (2007), muitas delas não conhecem a doença ou as suas consequências. Diante disso, foi realizada a presente intervenção no Mercado Municipal Central de Montes Claros (16/06/2017) com o intuito de informar as mulheres e possíveis gestantes sobre os riscos da SRC.

Material e métodos

O presente estudo faz parte do Projeto Interdisciplinar das Faculdades Integradas Pitágoras, cujo tema central foi “Vacinação”; caracterizando-se ainda como uma pesquisa de ação. A intervenção em saúde foi realizada no dia 16 de junho de 2017 no Mercado Municipal Central de Montes Claros, local eleito o mais adequado devido ser um ambiente público onde se encontram muitas mulheres de uma faixa etária muito abrangente, e teve como público-alvo, principalmente, mulheres em idade reprodutiva, não excluindo a intervenção com mulheres fora dessa faixa etária ou gestantes.

Primeiramente, foi confeccionado um panfleto didático (Fig. 1) contendo as principais consequências da SRC no feto/ bebê. O panfleto conscientizava, ainda, sobre a importância da vacinação contra a Rubéola em mulheres que pretendem engravidar e ainda não adquiriram a vacina. Dessa forma, foram abordadas aproximadamente 30 mulheres e perguntado se poderiam ser repassadas algumas informações a respeito da Rubéola; após o consenso do público foi realizada a entrega desses panfletos e uma pequena conversa, em que foram explicados os seguintes temas: a SRC, meios de transmissão da Rubéola, bem como sua vacinação e demais profilaxias.

Resultados e discussão

Segundo Malta *et al.* (2010), a SRC é uma das doenças passíveis de redução através de ações de imunoprevenção, como a intervenção feita pelo nosso trabalho. Baseando-se nessa informação, esta intervenção buscou conscientizar as mulheres em idade fértil sobre a importância da imunização contra rubéola antes de uma possível gestação, uma vez que a SRC é causada quando a infecção ocorre em período gestacional. Foram abordadas cerca de 30 mulheres de 14 a 60 anos de idade. A maior parte delas já tinha ao menos um filho, cerca de cinco mulheres ainda não tinham tido nenhum filho e duas estavam grávidas. Nenhuma das abordadas tinha conhecimento sobre a SRC, a maioria sabia da existência da doença Rubéola e cerca de 10% já haviam vacinado. As mulheres demonstraram muito interesse a respeito do assunto, fazendo diversas perguntas acerca de como poderiam se prevenir contra o vírus da rubéola, e em que época essa imunização deveria ocorrer para que haja prevenção da mulher e não cause sequelas no feto, em uma futura gestação. Além disso, as abordadas interrogaram quanto à disponibilidade da vacina pela rede pública e informaram que passariam as informações à diante.

Conclusão



Através da intervenção foi perceptível que todas as mulheres abordadas não tinham conhecimento sobre as consequências da SRC. Uma vez que a SRC ocasiona más formações no feto, natimortalidade e abortos, é necessário um maior repasse de informações sobre a doença para o público feminino, principalmente, de acordo com a realidade observada durante a intervenção realizada. O estudo em questão demonstra, ainda, a importância de campanhas de esclarecimento sobre os benefícios e malefícios da vacinação durante a idade reprodutiva e gestação, respectivamente.

Referências Bibliográficas

BAHIA, Secretaria Saúde do Estado da Bahia. Superintendência da Vigilância em Saúde. Diretoria de Vigilância Epidemiológica. **Coordenação do Programa de Imunizações**. Manual de Vigilância Sarampo, Rubéola Síndrome da Rubéola Congênita (SRC). Salvador, 2008.

BRASIL, Ministério da Saúde. Brasília: Portal da Saúde 2015. Disponível em: <http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/oministerio/principal/secretarias/svs/rubeola>. Acesso em: 07 de maio de 2017.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica. **Brasil livre da Rubéola: campanha nacional de vacinação para eliminação da Rubéola, Brasil, 2008**. Brasília: Ministério da Saúde, 2009.

COSTA, Fernanda Alves Sousa; QUADRADO, Amanda Valença Melo; LEME, Bárbara Assumpção Paes; CARNEIRO, Bárbara Vieira; CASTANHO, Deiseane Lima Marinho; SFAIR, Liana Chaul; ROCHA, Carlos Henrique Roriz. Síndrome da Rubéola Congênita: revisão de literatura. **Revista de Medicina e Saúde de Brasília**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 46-57, 2013.

DIAS, Ana Lúcia Pereira de Andrade; MITRE, Edson Ibrahim. A Imunização Contra a Rubéola no Primeiro Trimestre de Gestação Pode Levar a Perda Auditiva?. **Revista CEFAC**, Campinas, 2008.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Rubéola, transmissão e prevenção**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2014. Disponível: <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/rubeolasintomas-transmissao-e-prevencao>. Acesso em: 22/04/2017

MALTA, Déborah Carvalho; SARDINHA, Luciana M. V.; DE MOURA, Lenildo; LANSKY, Sônia; LEAL, Maria do Carmo; SZWARCOWALD, Célia Landman; FRANÇA, Elisabeth; DE ALMEIDA, Márcia Furquim; DUARTE, Elisabeth Carmen. Atualização da lista de causas de mortes evitáveis por intervenções do Sistema Único de Saúde do Brasil. **Revista Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, v. 19, n. 2, p. 173-176, 2010.

MINUSSI, Lenice; NASCIMENTO, Carolina Ribas; MOMINO, Wakana; SANCHOTENE, Maria Luiza Conceição; ENÉAS, Larissa Valence; BERCINI, Marilina; RANIERI, Tani; MOHRDIECK, Renate; JACQUES- CALLEGARI, Sídia; SCHULER- FACCINI, Lavínia. Avaliação prospectiva de gestantes vacinadas contra rubéola no sul do Brasil. **Scientia Medica**, Porto Alegre, v.17, n.3, p.119-123, 2007.

Anexos:

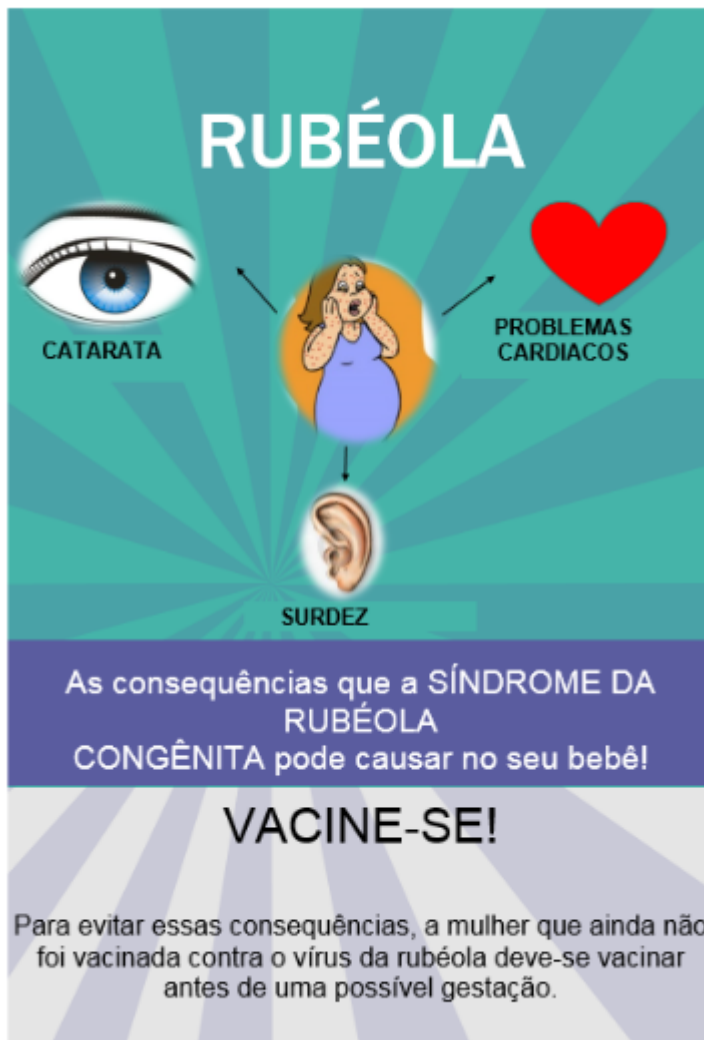


Figura 1 – Panfleto da Campanha de Vacinação.

Fonte: Os autores